

ENGAJAMENTO E DISCURSO RELIGIOSO NA POÉTICA DA CASALDÁLIGA

ENVOLVIMIENTO Y DISCURSO RELIGIOSO EN LA POÉTICA DE CASALDÁLIGA

Maria Elena Santos Gomes¹

RESUMO: Este artigo teve por meta, estudar e analisar um recorte da arte de fazer versos do poeta Pedro Casaldáliga, próspera manifestação da poesia moderna em Mato Grosso. Para análise foi selecionada a poesia: *Oração a São Francisco em poema de desabafo*. Percebe-se que o aspecto mais evidenciado em seu poema é o engajamento aliado ao discurso religioso associado à questão da terra, que estudados minuciosamente facilitou a compreensão de sua obra, investigou-se por meio de pesquisa bibliográfica, a concepção de arte engendrada pelo eu lírico nos poemas publicados no livro *Águas do Tempo*. Parafraseando Bosi, acredita-se que a poesia é um discurso que resiste apesar do meio hostil ao ser analisada sob essas concepções, a linguagem, no poema, torna-se partidária de um ato de luta, resistência e denúncia, pois se presta a comunicar denunciar algo. O eu lírico, numa atitude de resistência, protesta, e dá seu grito de guerra em favor dos menos favorecidos. Assim é a teia que tece o poema de Casaldáliga. Sua poética revela-se não só como expressão, mas, também, como intervenção no mundo.

Palavras-chave: Poema, Casaldáliga, discurso, engajamento, terra.

RESUMEN: Este artículo tuvo por recto, estudiar y analizar un recorte del arte de hacer versos del poeta Pedro Casaldáliga, próspera manifestación de la poesía moderna en Mato Grosso. Para el análisis fue seleccionada la poesía: *Oración a San Francisco en poema de desahogo*. Se percibe que el aspecto más evidenciado en su poema es el compromiso aliado al discurso religioso asociado a la cuestión de la tierra, que estudiados minuciosamente facilitaron la comprensión de su obra, se investigó por medio de pesquisa bibliográfica, la concepción del arte engendrada por el yo lírico en los poemas publicados en el libro *Aguas del Tiempo*. Parafraseando Bosi, se cree que la poesía es un discurso que resiste a pesar del medio hostil al ser analizada bajo esas concepciones, el lenguaje en el poema, se vuelve partidario de un ato de lucha, resistencia y denuncia, pues se presta a comunicar, denunciar algo. El yo lírico, en una actitud de resistencia, protesta, y da su grito de guerra en favor de los menos favorecidos. Así es la tela que teje el poema de Casaldáliga. Su poética se revela no sólo como expresión, pero, también, como intervención en el mundo.

Palavras-clave: Poema, Casaldáliga, Discurso, Engajamento, Tierra.

“Todo conhecimento da intimidade das coisas é imediatamente um poema.”

¹ Especialista em Literatura Mato-grossense – pela UNEMAT – Campus Tangará da Serra. E-mail: lenatga@gmail.com.

(Gaston Bachelard)

A literatura constitui um modo de conhecimento e de registro da realidade, mas é, sobretudo, uma suprarrealidade dos fatos. Um estudo dessa categoria prima por conhecer a primeira realidade a qual é histórica, e a segunda, que é fictícia por perceber-se que ambas são coletivas e dizem respeito à cultura de um povo, da qual o escritor testemunhou sonhos, alegrias, adversidades e conflitos nas mais diversas relações sociais, espirituais e emotivas, e é sob essa perspectiva que está a arte engajada na produção poética de Pedro Casaldáliga.

A arte, expressão máxima de leituras múltiplas, possibilita a recriação de ideias, que mesmo sendo, a princípio, pessoais, admitem engajamento, e a arte da palavra, por sua vez, possibilita ao homem, manifestar-se artisticamente sob vários aspectos, seja em poesia, prosa ou dentre os mais diversos gêneros, pois são amplas as possibilidades que se define por meio da liberdade e da inspiração humana. Assim, o poeta analisa, idealiza e cria, recria, desafia e provoca, chegando a ultrapassar a normalidade. Pedro Casaldáliga, nos leva à profunda reflexão, onde o leitor passa, também a experimentar os resultados da criação.

A motivação deste trabalho se constitui na importância de conhecer a obra do poeta, na identificação com a causa que o mesmo defende e pela expressão de um significativo discurso religioso em seu fazer poético. Como objetivo primeiro, elaborou-se uma análise da obra (recorte) *Águas do tempo* que hermeneuticamente, depreendesse o engajamento, aliado ao discurso religioso. Pois, ao longo destes estudos, vimos que nos primeiros contatos com a obra desse autor, todo leitor, apreciador ou pesquisador, percebe que sua poética desperta o interesse pelo ser humano, sobretudo no que diz respeito à questão da terra.

O estudo da obra poética de Casaldáliga permite, por um lado a revisitação dos acontecimentos históricos, religiosos e sociais que marcam a vida na região do Araguaia e de nosso país, uma vez que sua obra apresenta uma forte tendência para as questões sociais e engajadas, em especial para os conflitos da terra que existiram e ainda existem, e que fazem parte de seu fazer poético.

Podemos perceber na análise do discurso religioso do autor, como ele emprega com criatividade e originalidade os recursos literários, líricos e como esses aspectos falam da realidade, da cultura, dos seres humanos e como sua luta pela superação da exploração a que uns submetem outros, ou seja, como os elementos poéticos contribuem para a exposição do

conteúdo humano e engajado que os textos apresentam; a relação do homem com a terra e como este se situa histórica e geograficamente nela e do modo como seu fazer poético assume-se como obra de arte.

Casaldáliga foi membro da Comissão Pastoral da Terra (CPT), talvez, por essa razão, muitos dos seus poemas refletem temas de religião, de Deus (do sagrado), e abrem diversas questões que motivam esse estudo, pois, ao mesmo tempo em que o poeta trata de temas religiosos, recusa com veemência a atitude da Igreja Católica da ala tradicional diante dos “oprimidos” pelas circunstâncias sociais, sobretudo, relacionadas à Reforma Agrária, e o poeta moderno viu-se diante de uma estranha dicotomia, arte e religião e lida com naturalidade e maestria, expressa-se através das mesmas, constituindo assim, uma verdadeira obra de arte.

Vimos que a poética de Casaldáliga traz em seu bojo um discurso de protesto contra os males do capitalismo “selvagem”, é nesse contexto que nasce a literatura e o fazer poético do autor, isso só é possível ser visto e apreciado pelos estudos da linguagem. Então pela análise do contexto sócio histórico da produção poética do autor, foram colocados em diálogos diferentes teorias, tanto da literatura como de outras áreas do conhecimento.

Na abertura da obra “Política”, Aristóteles afirma que somente o homem é um “animal político”, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem e Marilena Chauí (2002, p.71), cita o lingüista Hjelmslev que diz que a linguagem é inseparável do homem, pois o segue em todos os seus atos, sendo: O instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base mais profunda da sociedade humana. (2002, p.71). Assim, o ser humano, ao sofrer a influência do meio, passa, também a influir no social. E nesse contexto, vemos que o poeta Pedro Casaldáliga, em sua obra, por meio da linguagem poética, nutre um esforço contínuo em influenciar, chamar a atenção do interlocutor com o seu engajamento e seu discurso religioso. O leitor, ao se deparar com os seus textos, passa, a não só a refletir sobre a problemática das questões ligadas à terra, como poderá vir a ser mais um a somar, na causa que a tão poucos parece interessar.

Segundo Chauí, podemos avaliar a força da linguagem tomando como exemplo os mitos e as religiões e diz que esses discursos:

Pronunciados em momentos especiais – os momentos sagrados ou da relação com o sagrado – os mitos são mais do que uma simples narrativa; são a maneira pela qual, através das palavras, os seres humanos organizam a realidade e a interpretam. (CHAUI, 2002, p.72).

O melhor exemplo dessa força criadora da palavra mítica encontra-se na abertura da Gênese, nas Sagradas Escrituras, no relato em que Deus cria o mundo utilizando para isto apenas a linguagem, e porque Ele disse, foi feito; então, percebe-se o quanto a palavra divina é criadora. E disse Deus: “Haja luz; e houve luz. E viu Deus que era boa a luz; e fez Deus separação entre a luz e as trevas. E Deus chamou à luz Dia; e às trevas chamou Noite. E foi a tarde e a manhã, o dia primeiro.” (GÊNESIS, cap. 1, v. 3, 5).

Com isso, vemos que a força realizadora e concretizadora da linguagem nas liturgias religiosas, o que é histórico, mítico e diz respeito às coisas naturais, divinas e sagradas.

Marilena Chuí vem confirmar que a linguagem tem assim, um poder encantatório, isto é, uma capacidade de reunir o sagrado e o profano, trazer os deuses e as forças cósmicas para o meio do mundo, ou, como acontece com os místicos em oração, tem o poder de levar os humanos até o interior do sagrado. Eis por que, em quase todas as religiões, existem profetas e oráculos, isto é, pessoas escolhidas pela divindade para transmitir mensagens divinas aos humanos. (CHAUI, 2002, p.73).

Esse poder mágico-religioso da palavra, descrito pela autora, aparece na poética de Pedro Casaldáliga, e faz com que a sua produção poética se perceba engajada e traga um respaldo do discurso bíblico. Mas, independentemente de acreditarmos ou não em palavras místicas, mágicas e encantatórias, julgamos importante que elas existam, pois a sua existência revela o poder que atribuímos à linguagem, e esse poder decorre do fato de que palavras são sínteses de significações, símbolos e valores que determinam o modo como interpretamos as forças divinas, naturais, sociais e políticas, bem como suas relações. Segundo Otávio Paz:

[...] o homem é a linguagem porque são sempre os homens, o que fala, e o que ouve, e que suprimir o sujeito que fala seria consumir definitivamente o processo de submissão espiritual do homem, quando o livro substitui a voz viva, impôs ao ouvinte uma só lição e retirou-lhe o direito de replicar ou interrogar. (PAZ, 1976, p.116).

Assim, contar histórias, escrever poesias é uma das formas mais antigas utilizadas pela humanidade para registrar, manter e transmitir suas memórias, e, quando o homem o faz, busca perpetuar o que passou, deixando para as novas gerações um pouco de suas experiências. A memória, não só a individual, constituída pelas lembranças e acontecimentos que presenciamos, tem caráter mais amplo, como a memória social, cultural e histórica. Todas essas memórias tecem e constituem as histórias das pessoas, de grupos sociais, de sociedade e de toda a humanidade, e a memória social está inscrita nas práticas das comunidades humanas. Casaldáliga encarrega-se de registrar, de forma poética a memória social de um determinado grupo, cuja memória pode ou não se perpetuar, fazendo-se presente também nos discursos que perpetuam a voz de uma comunidade.

O discurso possui um significado muito amplo: refere-se à atividade comunicativa que é realizada numa determinada situação, abrangendo tanto o conjunto de enunciados que lhe deu origem, quanto às condições em que foi produzido, ou seja, a produção do discurso não acontece no vazio. A exemplo, duas frases podem ser iguais, embora possam carregar diferentes valores significativos e afetivos, assim como diferentes momentos expressivos. Vemos que o verso, no poema, não poderia ser diferente, pois o poeta enuncia, anuncia, protesta, denuncia, também através de sua produção poética. Para Souza (apud BERGUEZ, 1997, p.100) “(...) a obra de arte é o desabrochar simultâneo de uma estrutura e de um pensamento cuja forma, gênese e nascimento são solidários”.

Para os estudos das imagens poéticas, retomam-se discussões primordiais para o estudo do poema, entre as quais as seguintes definições:

Poema – reside entre a espontaneidade da linguagem e a purificação do idioma, recuperando pela poesia os seus valores plásticos e sonoros, afetivos e significativos;

Ritmo – pode ser representado graficamente, considerando as sucessões de silêncio e a produção sonora (tempo interno da poesia);

Autor – o poeta nutre-se da vida de uma comunidade;

Imagem – Toda realidade conjuga realidades opostas. O poeta nomeia as coisas; pedras são plumas e plumas são pedras. Sem sofrer transmutação qualitativa, pedras e plumas desaparecem em favor de outra realidade. A imagem é toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz, e que, unidas, compõem o poema. A imagem recolhe e exalta todos os

valores da palavra, sem que a pluralidade de significados desapareça. (PAZ, 1992, p.119, 121).

Partindo desses pressupostos, vê-se que o poeta Casaldáliga, não descreve o objeto, coloca-o diante de nós, utilizando-se dos recursos formais, da subjetividade, da manifestação de um eu lírico que expressa seu mundo interior, suas emoções, idéias e impressões.

Bosi (1980, p.41) faz um importante estudo a respeito da imagem, postulando que a experiência desta antecede a da palavra, que é simultânea. Toda grande poesia nos dá a sensação de frequentar impetuosamente o novo. Nesse sentido, a imagem recuperaria o intervalo entre tempo e espaço, que fora perdido quando o homem deixou de se comunicar pelo desenho, que fala diretamente pelo objeto, passando a codificá-lo pela palavra, pela linguagem.

Casaldáliga, de posse do discurso religioso, numa linguagem simples, faz um protesto sutil ao capitalismo que permeia um contexto histórico e social, que não o deixa calar-se. Portanto, é com linguagem que possibilita esse fazer, pois, é com a manifestação linguística que se tem uma visão de mundo, que determina nossa maneira de ver, perceber e conceber a realidade. Segundo Fiorin (1998, p.52), “A linguagem é como um molde, que ordena o caos, que é a realidade em si”.

O poeta, em questão, viveu e vive essa realidade em seu dia-a-dia e contestou a exploração humana e os seus direitos, que, para ele, segundo um Ser superior, foram negados. Vista dessa forma, uma “leitura religiosa” de obras literárias não é querer enxergar nestes textos revelatórios, verdades teológicas em seus conteúdos, não é necessariamente ler como um religioso ou um crente, mas, sobretudo, notar como o fenômeno religioso, parte integrante da “experiência humana”, manifesta-se na literatura. Essa possibilidade de abertura da obra descortina o espaço para a leitura religiosa na literatura.

Cabe ressaltar que a perspectiva de se ler “religiosamente” a literatura é uma possibilidade de interpretação conscientemente inclusa e não imposta, na qual, muitas vezes, a pergunta é a única resposta possível, uma vez que se trata de uma linguagem com, e não sobre a obra literária. A intenção é evidenciar como a literatura representa a religião e de como o religioso pode ser reconhecido nas obras literárias.

Casaldáliga engaja-se, comunica a experiência vivida em seu “microcosmo”, explora seu cotidiano. Para Sartre, a atividade do escritor não necessita ser acessível e comunicada de

forma evidente, mas deve propiciar a reflexão, a fim de chegar à conclusão que ilumina, e esse fazer faz parte do mundo do poeta, pois socializa seu engajamento, ora clama, ora instiga para a luta, ora convida o leitor à reflexão, subentende-se que o discurso religioso pode estar e se fazer presente em vários textos e contextos, inclusive na poética, uma vez que o poeta tenha essa intrepidez, essa ousadia de que Paz (1992, p.115) vem afirmar: A poesia não exige nenhum talento especial, mas uma espécie de intrepidez espiritual, um desprendimento que é também uma dê-s-envoltura. E na poética da Casaldáliga isso é logo percebido, quando diz, em seu poema “Oração a São Francisco em Poema e desabafo”:

Quando Jesus Cristo
E nossa Senhora
Vierem nos ajudar
A mudar a História,
Contamos contigo
Naquela hora
E comadre clara
E a Irmandade toda.

Os versos um, dois, três e quatro, remetem à ideia e à certeza da segunda volta de Jesus, que as Sagradas Escrituras nos revela no livro de Hebreus, Apocalipse, dentre outros: “Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá pela segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação”. (HEBREUS, cap. 9, v. 28).

O texto propõe que, se não for agora o momento, ainda há a esperança, na segunda volta de Jesus que é justo, reto misericordioso, e, sobretudo, amor. Segundo a própria Bíblia, esses seres excluídos viverão uma outra realidade, não mais sofrerão com a exclusão social, com o descaso do capitalismo, e o lucro de poucos em detrimento à necessidade de muitos, já não existirá num futuro, embora sem data prevista, mas certa.

O poeta, sendo teólogo e profundo conhecedor das palavras sagradas, sabe do que fala e utiliza-se do discurso religioso e busca sua legitimação nas Escrituras Sagradas. Assim, o seu enunciador esconde-se na fala divina, colocando suas palavras como ditos divinos: *Quando Jesus Cristo/ E nossa Senhora/ Vieram nos ajudar/ ...* Esta estratégia discursiva, não só valida o discurso em questão, como protege o seu enunciador no ato discursivo. Casaldáliga em seus outros poemas também se mostra hábil na aplicação de tal recurso. Em sua poética há um discurso com um alto grau de persuasão em que seu enunciador procura

persuadir o leitor, pois, para ele, faz-se necessário trazer algo visível e palpável. Seu discurso é persuasivo, aparentemente, dá ênfase ao modo do pregador no discurso em questão: *Contamos contigo*. (5º. verso) Os recursos literários possibilitam sustentar um recurso maior – o da imaginação sensorial, tão explorado em sua poética. Dentro desse contexto percebemos que Casaldáliga escreve com o objetivo de convencer o leitor, tendo sempre por base as Sagradas Escrituras. Segundo Saraiva:

Cada texto, cada palavra pode dar lugar a múltiplas associações (...) o que não é arbitrário nem fantasista é o objetivo prático que o orador tem em vista: para convencer o ouvinte recorre a todos os meios de pressa e de enredo, dando-lhes a aparência dos caminhos certos de uma verdade demonstrada. (1980, p.9).

A poética de Casaldáliga é, antes de tudo, um discurso constituído de um alto grau de persuasão, como já dissemos, no qual concilia a defesa dos interesses dos habitantes de parte da Amazônia legal, cujo discurso é pautado na Bíblia Sagrada que, como religioso a tem como um instrumento de Deus para guiar e orientar o povo.

Como se pode constatar, a linguagem religiosa está revestida de um sentido e da autoridade daquele que representa Deus, que fala em seu lugar, mas que também não é Ele: é o que Orlandi chama de ilusão da reversibilidade: **o como se fosse sem nunca ser** (grifo meu). Na verdade, o discurso é estruturado por meio de uma virtual (indireta) interação entre Deus e seu representante aqui na terra, designado e autorizado para sê-Lo. (ORLANDI, 1996, p. 253).

Por isso, o recurso ao intertexto (os excertos bíblicos) vem outorgar autoridade à fala do locutor, que, com isso garante maior aprovação, maior aceitação em conformação às palavras de Deus. Então, os recursos linguísticos como os performativos do tipo crer, mirar, imitar, permanecer, exercem a função de chamar/convidar/convocar o leitor à fé, e aproximá-lo de Deus: *Contamos contigo*. É o que dá a entender, que Casaldáliga, por ser padre, conhecedor da Bíblia, utiliza-se da intertextualidade para legitimar ainda mais o seu discurso, e, como representante de Deus fala em nome Dele, e seu interlocutor ouve/lê/dialoga com quem ele representa, ou seja, com a sua representação.

O poeta expressa seus sentimentos, sua revolta, sua luta em favor de um povo excluído, que luta por um pedaço de terra para sua própria sobrevivência. Sobre isso Paixão diz:

[...] modernamente, a poesia procura investigar o real, aumentar o conhecimento e a vivência do mundo através das palavras, em que todas as suas variantes, ao contrário do que fora antigamente, quando a linguagem de desenhos mantinha uma relação de continuidade e forte ligação simbólica com a natureza. (Apud HUNHOFF, 2004, p.106).

Assim, o poeta moderno se desprende do passado e seu fazer poético é engajado, visto seu conteúdo fortemente contestador de um *status quo* social, apresenta uma intertextualidade bíblica, cuja percepção e compreensão conduzem a uma aproximação privilegiada da poesia e projeta suas significações, ao mesmo tempo em que sua leitura funciona como interpretação, ou representação, Segundo Carvalho (2007, p. 20), “[...] a literatura tem como matéria toda a experiência humana e, particularmente, a ordenação, interpretação e articulação da experiência”.

Reconhece-se, portanto, a poesia como uma forma privilegiada de discurso, pois é construída na linguagem, superando-a e transcendendo-a. Essa é a força criadora da linguagem que busca, justamente, instaurar-se em meio a esse espaço "universal" que é buscado pela linguagem do poeta.

Os lugares histórica e legitimamente configurados acabam por estabelecer padrões de conduta – humanas e linguísticas –. Quem fala, fala de um lugar para alguém previamente situado; quem lê, também o faz de um lugar já delimitado: *E comadre Clara/ E a Irmandade toda...* O discurso religioso, como o autoritário reproduz um saber já “conhecido” e esperado pelo interlocutor, mas para isso, se abastece de alguns recursos linguísticos e determinadas práticas discursivas para manter o locutor em contínua e permanente adesão.

Segundo Cavalcante (2004, p.15), a relação entre religião e literatura está naqueles estudos onde os quais Deus é considerado um personagem literário e assim analisado, segundo o mesmo autor, há ainda uma grande quantidade de obras literárias que se inspiram na Bíblia e que, nos mais diversos gêneros, recontam literariamente as escrituras sagradas, capturando em seu conteúdo o material poético, os enredos ou as tramas e construindo assim

uma literatura intertextual profunda, ora acentuando, ora criticando as escrituras, e que exigem do leitor uma aproximação à Bíblia para estabelecer o dialogismo interpretativo

No poema Oração a São Francisco em poema e desabafo (1989, p.43), Casaldáliga se utiliza do discurso religioso e denuncia uma igreja que não compreende e não aceita a Teologia da Libertação, que, para Magalhães, a mãe, torna-se madrasta, a consciência de que não bastam mais soluções tradicionais derivadas da fé cristã é recorrente na obra do poeta, no poema, ele avulta a figura de São Francisco de Assis, que na América latina, transformou-se em um arquétipo da alma popular, identificado com os pobres e com o Cristo pobre.

Campadre Francisco
Como vais de Glória?
E comadre Clara
E a Irmandade toda?

Por aqui, na terra
Vamos malvivendo;
Grande a cobiça
E pequeno o amor.

O amor divino
É muito pouco amado,
E é flor de uma noite
O amor humano

A metade do mundo
Morre de fome;
A outra metade
Do medo à morte

Existem poucos alunos
Que levam a sério
A sábia loucura
Do santo Evangelho

Senhora pobreza,
Perfeita Alegria, andam nos livros
Mais que em nossas vidas.

Há muitos caminhos
Que levam a Roma
Belém e o Calvário
Saíram da direção.

Nossa amada Igreja
Melhorou de modas

Porém há muita cúria
E pouco carisma

Frades e conventos
Criaram vergonha
Mais em suas maneiras
Que por vida nova.

Tecnocratas muitos
E poetas poucos
Muitos doutrinários
E menos profetas.

Firmas e escritórios,
Armas e convênios
Planejam a História,
Manejam os povos.

A mãe natureza
Chora, poluída,
Seu ar e suas águas,
Seu céu e suas minas.

Pássaros e flores morrem de susto.
Os lobos de pânico
Ganharam o mundo.

Eriçou suas bandeiras
A antiga arrogância.
Só lucro e ódio
Fazem suas cruzadas.

Pactos e tratados
Guerras e mais guerras.
Sangue por petróleo
Os impérios trocam.

Compadre Francisco,
O mundo é tão velho,
Que se terá que outro fazer
Para vê-lo nosso.

Quando Jesus Cristo
E nossa Senhora
Vierem nos ajudar
A mudar a História,
Contamos contigo
Naquela hora
E comadre clara
E a Irmandade toda.
(Águas do Tempo, 1989, p. 43).

A parrésia é a figura pelo qual alguém parece dizer livremente coisas ofensivas, quando na realidade constituem advertências ou exortações. Estruturalmente em redondilha menor, o poeta adverte e exorta o leitor quanto a ambição, a ganância, a falta de amor existente na terra, especialmente, retratando a própria Igreja Católica. Isto pode ser visto nas estrofes 2, 3, 9 e 10:

Por aqui, na terra
Vamos malvivendo;
Grande a cobiça
E pequeno o amor.

O amor divino
É muito pouco amado,
E é flor de uma noite
O amor humano

Nossa amada Igreja
Melhorou de modas
Porém há muita cúria
E pouco carisma

Frades e conventos
Criaram vergonha
Mais em suas maneiras
Que por vida nova.
(Águas do tempo, 1989, p. 43).

Segundo Magalhães (2001, p. 293), o poeta faz referências à velhice de uma igreja que, centralizada na Europa, não pode compreender e aceitar a Teologia da Libertação. Para ela a palavra-chave do poema parece ser o vocábulo caminho, utilizado no texto como descaminho.

Há muitos caminhos
Que levam a Roma
Belém e o Calvário
Saíram da direção.
(Águas do tempo, 1989, p. 44).

Valendo-se da parrésia, o poeta adverte que existe uma Igreja elitizada e despreocupada com as questões sociais, o poema fala dos desvios dessa igreja: Vários são os caminhos que levam à Roma, cujos caminhos podem ser representados pela vaidade, o

dogmatismo, o comodismo, o autoritarismo, etc., menos à Belém e ao Calvário, no sentido de cruel sofrimento moral, martírio, que para o poeta, dá entender que não estão mais preocupados com os menos favorecidos. Fiorin vem dizer que:

(...) o discurso é uma unidade do plano de conteúdo, é o nível do percurso gerativo de sentido, em que formas narrativas abstratas são revestidas por elementos concretos. Quando um discurso é manifestado por um plano de expressão qualquer, temos um texto. (1997, p. 31)

Assim, Casaldáliga vai tecendo o texto, em sintonia com a realidade vivida, no antes e no depois do processo de modernização.

Magalhães (2001, p. 293) atentou para a repetição do som da letra “m”, que segundo ela sugere gaguejo (morre, medo, caminho, metade, Roma, modas, maneiras, mais, madre, carisma) cujos desvios teológicos e bíblicos multiplicam o medo. Sabe-se que Roma deixou sem vez e sem voz os padres da América Latina, que se engajaram na luta contra a exploração dos menos favorecidos, assim sendo, estes só podem contar com o retorno de Cristo. Neste poema, o eu lírico faz um diálogo, que segundo Tavares:

Consiste na conversa ou no diálogo fictício com interlocutores imaginários. Pode ser também o diálogo que o orador, escritor ou poeta intercala em sua composição, - tanto reais como imaginárias e a parrésia ou licença – termo grego que significa “franqueza”, “liberdade”. (1997, p. 353)

A exemplo do Padre Vieira, Pedro Casaldáliga une fé e compromisso libertador com os mais necessitados, a partir da experiência da misericórdia de Deus e da renovação espiritual, tomando a imagem de cristo como o grande libertador.

O substantivo lobo, segundo Magalhães (2001, p. 294), nos remete à caça, mas nos lembra também a história do Chapeuzinho Vermelho. Na história infantil, o lobo engole a vovozinha a que conta histórias, a que representa a cultura, o passado, o imaginário e a sua neta o futuro. Para ela é o que ocorre com a cultura dos habitantes da Amazônia invadida. Na história infantil, o lobo espanta todo mundo, multiplicando o pânico na região, onde os habitantes e suas ideias tremem de medo. No entanto, reina um outro “deus”, o da arrogância, o dos lobos, do pânico, do lucro e do ódio, o mundo dos acordos, dos convênios, dos tecnocratas. A cor muda: no lugar do vermelho a cor do sangue, da vida. Temos, agora, a cor

preta, a cor do petróleo: Sangue por petróleo, do lobo, das grandes cidades, onde as igrejas são substituídas por escritórios: Tecocratas muitos. Há uma nova cruzada, mas não são os muçulmanos que são caçados e sim os cristãos, que nesse contexto, contam com o abrigo da Igreja, mas, esta encontra-se corrompida, e, a cruzada do dinheiro e do lucro transforma as pessoas: só lucro e ódio fazem suas cruzadas, os profetas tornam-se doutrinários, os tecnocratas substituem os poetas: Tecocratas muitos poetas poucos o que significa a ausência do sonho, da utopia, como se pode verificar nos versos abaixo:

Pássaros e flores morrem de susto.
Os lobos de pânico
Ganharam o mundo.

Eriçou suas bandeiras
A antiga arrogância.
Só lucro e ódio
Fazem suas cruzadas.

Pactos e tratados
Guerras e mais guerras.
Sangue por petróleo
Os impérios trocam.

Tecocratas muitos
E poetas poucos
Muitos doutrinários
E menos profetas.
(Águas do tempo, 1983, p. 45).

Para Ilda Magalhães, a proliferação dos lobos, o mundo, segundo o poeta, está envelhecido e não existe mais espaço para a felicidade. A esperança da mudança é ao mesmo tempo a esperança do apocalipse: “Uma luta mais importante está por vir.” (MAGALHÃES, 2001, p. 295).

No poema, novamente, aparece uma referência bíblica, será necessário inventar outro mundo, mais claro, mais branco, quando faz referência à Santa Clara, construir outra história, quando Jesus Cristo voltar, pode ajudar a mudar a história, assim a Amazônia será restabelecida.

Quando Jesus Cristo
E nossa Senhora
Vierem nos ajudar
A mudar a História,

Contamos contigo
 Naquela hora
 E comadre clara
 E a Irmandade toda.
 (Apud. p. 45).

O próprio Jesus no livro de Apocalipse, vem confirmar o fato central que devemos ter em mente: “Eis que venho em breve! Feliz é aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.” (APOCALIPSE, cap. 22, v. 7). O poeta, como teólogo e conhecedor da Bíblia, tem a certeza da vinda de Jesus e faz referências à Bíblia mais uma vez, essa é a esperança que se tem em relação à justiça, que será feita.

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. 31. E Ele enviará seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. (MATEUS, cap. 24, v. 30,31)

Não há dúvidas, um mundo branco como sugere a referência à Santa Clara, neste plano, nesta volta de Jesus, num processo de niilização, construir-se-á outra história, e os menos favorecidos serão privilegiados, pois este (Jesus) que voltará com poder e grande glória é justo e reto, e, sobretudo, amoroso.

A poética de Pedro Casaldáliga afasta-se da concepção dos românticos, para os quais a poesia era uma forma elevada de expressão, para ele, fazer poesia é falar com o homem; convidá-lo à luta e dessa tessitura nasce o poeta da libertação, no mesmo instante em que aclama o sentido de sua fé.

Em síntese, o poeta desabafa com São Francisco de Assis, que, como ele, desejava ser imitador de Cristo, viveu pobre toda a sua vida e todos que manifestavam o desejo de segui-lo. Francisco dizia: - Vá, vende tudo que tens e dá aos pobres. Não possuas nada consigo e siga somente ao Pai eterno e a Jesus Cristo.

Como o próprio título sugere, Casaldáliga desabafa e diz a ele que aqui na terra é difícil a convivência, como relata a III estrofe, *grande cobiça/ pequeno amor, em se tratando do amor divino, o amor a Deus, este é muito pouco amado ou amado por poucos, e é flor de uma noite/ o amor humano*, remete à idéia daquele amor em datas específicas, natal, páscoa, onde as pessoas ficam mais sensíveis, porém, passando esta data, voltam à “normalidade”, e de volta à fome, a metade do *mundo/morre de fome / a outra metade/ do medo da morte*, cujo

medo pode estar associado ao o medo das agressões, conflitos com os latifundiários. *Existem pouco alunos que levam a sério/ a sábia loucura do santo Evangelho*, o que pode significar que são poucos os que seguem a sábia loucura do Evangelho (Bíblia) que na verdade é um manual para nossas vidas, se todos entendessem essa verdade, com certeza seriam mais humanas, solidárias, fraternas, compreensivas. Perfeita *alegria/ andam nos livros/ mais que em nossas vidas*, revela o inconformismo, como ser feliz mesmo diante da injustiça social. *Há muitos caminhos/ que levam à Roma*, (a turismo), *mas /à Belém e o calvário/* que poder ser representado pelo sofrimento de Cristo, provação, saíram da direção. *Nossa amada Igreja/ melhorou de modas/*, já não é mais a de outrora que agia de outra forma, hoje, apresenta dificuldades em aceitar a Teologia da Libertação. *Há muita cúria/ e pouco carisma/* significa dizer que há muitos bispos, reuniões eclesiais, mas o dom de graça inexistente, ficaram frios em relação ao carisma, que segundo o dicionário quer dizer: dom da graça de Deus; designação dos dons e disposição de cada cristão para o desempenho da sua missão dentro da Igreja; qualidade marcante de um indivíduo que o distingue dos demais. *Frades e conventos/ criaram vergonha/ mais em suas maneiras/ que por vida nova/*. Não deixam de ser educados, possuem boas maneiras, mas não tomam posição, não fazem o que deveriam fazer, não cumprem seus papéis, segundo recomendação do Evangelho, assumir uma nova postura. *Tecnocratas muitos/ e poetas poucos/*. *Muitos doutrinários/ e menos profetas/*. Organização política e doutrinas existem, mas profetas são raros, aquele que prediz o futuro, por inspiração divina; e, conseqüentemente age e reage, são bem poucos. *Firmas e escritórios/ armas e convênios/ planejam a História/ manejam os povos/*. Remete à ideias dos órgãos governamentais como o Incra, que planejam a História de um povo já excluído, manejam suas vidas, definem seu futuro. *A mãe Natureza/ chora, poluída/ seu ar e suas águas/ seu céu e suas minas*. A mãe Natureza chora a poluição do ar, das águas e até o céu reclama, as queimadas, muitas vezes, nos impossibilita de vê-lo, até as minas já se encontram contaminadas pela ação do homem branco. *Pássaros e flores morrem de susto/ Os lobos de pânico/ ganharam o mundo/*. Com a poluição e o desmatamento, os pássaros e as flores não sobrevivem e até mesmo os lobos, que outrora, selvagem, carnívoro, não resiste ao meio hostil onde habita e ganha o mundo. *Só o lucro e ódio/ fazem suas cruzada/*. Como na Idade Média se fazia com os hereges. *Sangue por petróleo/ os impérios trocam/*. A vida humana parece não ter valor, a questão do ter, em detrimento do ser, ou seja, mais vale o petróleo que

a vida humana, assim sendo, só há uma esperança: *Quando Jesus Cristo/ e Nossa Senhora/ vierem nos ajudar/ a mudar a História/*. A esperança é a segunda vinda de Jesus Cristo para mudar a história. Assim é a arte engajada do poeta e militante Pedro Casaldáliga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As características notadas na produção de Pedro Casaldáliga o fazem um poeta *sui generes*, pelo tratamento dado à palavra, capturando nela sentidos não expressos e desveladores de uma condição quase mística, quando posta em verso e pela evidente e ao mesmo tempo oculta expressão do sagrado em sua poética.

Percebeu-se o quanto Casaldáliga é fiel a sua trajetória poética, construindo-a em uma perspectiva muito pessoal, pois seu fazer poético é motivado por algo infável que o conduz à poesia, que o força a poetar, e do qual não é possível explicar ou falar, a não ser poeticamente, pois, do contrário configuraria uma polêmica contestadora.

A percepção de que a obra de Casaldáliga se presta a leituras religiosas, aliada a aspectos sociais, foi ponto de partida para a análise desse trabalho.

A poesia de Casaldáliga, universaliza de certa forma, um discurso religioso da pós-modernidade, pois está além das teologias e dogmas. O poeta atinge em sua poesia um falar de Deus, aqui está sua relação com a religião, não que sua poesia seja uma religião, mas guarda a possibilidade de salvação através da religião, da compreensão, justamente por ser categórica, fundamentada em bases sólidas com as Sagradas Escrituras que é definitiva e imutável, portanto, sua poética torna-se real, construindo-se.

Casaldáliga ensina-nos a ler o mundo, com olhos mais clínicos e críticos. Cabe ao leitor, reinventar novas formas de lutas revolucionárias em busca de uma igualdade social, pautadas na ética da solidariedade, que implique a sua grande utopia e a incansável esperança nas possibilidades históricas de humanização do mundo. Esse é o teor da poética engajada de Casaldáliga, que manifesta sua vontade de ver um mundo mais humanizado, e não se cala diante da injustiça social e faz questão de publicar seu protesto como forma de desabafo, num poetar constante, que lhe é peculiar. É sabido que tudo isso só é possível através da linguagem, pois, a linguagem contida em um poema é uma forma de transcender os limites da

própria linguagem, a transcendência de ir além, abrir horizontes simbólicos, ampliar as possibilidades de comunicação.

Ao fim desse trabalho, foi possível perceber que a ideologia afeta qualquer tipo de discurso, inclusive o religioso. A importância da Bíblia como discurso fundador também é fundamental, pois permite que sejam feitas várias remissões à palavra de Deus para legitimar o discurso.

O papel do sacerdote (poeta) na figura de divulgador do evangelho, que fala de Jesus, único mediador entre Deus e os homens também fica caracterizado, além dos argumentos utilizados ainda que sutis, atravessa a sua atividade religiosa e discursiva.

Assim, a linguagem “criadora de uma imagem do mundo é também criação desse mundo.” Eis o poder da linguagem aliado à arte e a literatura.

A poética de Casaldáliga é resultado das relações dinâmicas entre escritor, leitor e sociedade, uma vez que, segundo Cereja, (2003, p. 32) a literatura permite, e, por vezes assume formas de denúncia social, de crítica à realidade circundante, o que podemos caracterizar de uma literatura engajada, que serve a uma causa político-ideológica ou a uma luta social. Assim é o fazer poético de Pedro Casaldáliga.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, J. F. **A Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Trinitariana do Brasil, 2002.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997. _____ . **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. _____ . **A terra e os devaneios do repouso**. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BAKHTIN, Michael. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Hermantina Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. _____ . **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1976.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1987.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006. _____ . **O ser e o tempo da poesia**. 6ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

CÂNDIDO, Antonio. **Na sala de aula**. Caderno de análises literárias. São Paulo: Ática, 2005.

CASALDÁLIGA, Pedro. **Águas do tempo**. Editora Amazônida, 1989. _____
Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social. Carta
Pastoral. São Félix do Araguaia, 1971. _____. Versos Adversos: Antologia. 1ª
ed. Ed. Perseu Abramo, 2006.

CEREJA, William Roberto. **Português: Linguagens**: volume único. S. Paulo: Ed. Atual,
2003.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CHAUI, Marilena. **“Heidegger (1889 – 1976): Vida e Obra”**. Os Pensadores. São
Paulo: Abril Cultural, 1979.

CHEVALIER, J. GREBANT, A. **Dicionário de símbolos**. 12ª edição. Rio de Janeiro: José
Olympio, 1998.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
_____. **Linguagem e ideologia**. 6ª ed. S. Paulo. 1998.

GATTO, Dante. **Análise do Poema**. Tangará da Serra: S.N.T (mimiografado).

HUNHOFF, Elizete Dall’ Comune. **Convergências poéticas na perspectiva comparatista**.
Ensaio apresentado em: Ensaio em Literatura Comparada: Portugal, Brasil, Angola, Cabo
Verde. Agnaldo Rodrigues e Isaac Newton Ramos. (Org). Cáceres, MT: UNEMAT Editora,
2004.

MAGALHÃES, H. G. D. **História da Literatura de Mato Grosso**: séc. XX. Cuiabá: Unicen
Publicações, 2001.

MODERNO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível
em: Michaelis.uol.com.br/moderno/português. Acesso em: 26 nov. 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: As formas do discurso. 4ª ed.
São Paulo: Pontes, 1996.

PAZ, Otávio. **Signos em rotação**. 2ª edição. São Paulo. ed. Perspectiva, 1976.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: **Uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni
Pulcinelli Orlandi. 3ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. trad. José Teixeira Coelho Neto. 3.ed. São Paulo: Perspectiva,
2000.

SILVA, R. R. **Imagens e formas de engajamento na poética de Pedro Casaldáliga**. XI
Congresso Internacional da ABRALIC. USP. São Paulo, 2008.

SOUZA, M. L. F. **Uma abordagem da poética engajada de P. Casaldáliga**. Cuiabá: UFMT,
2007.

TAVARES, H. Teoria literária. 10ª edição. Belo Horizonte, 1991.